

Diagnóstico agrícola da Transamazônica

Christian Castellonet

Aquiles Vasconcelos Simões

Pedro Celestino Filho

Objetivo

Identificar e construir os elementos da diversidade dos sistemas de produção locais, com vistas à elaboração de um primeiro esboço de tipologia dos agricultores na região e descrição dos principais problemas técnicos enfrentados.

Metodologia

A análise está baseada em 35 entrevistas em estabelecimentos agrícolas, conduzidas de agosto de 1993 a maio de 1994, com questionários combinando questões fechadas e abertas. Os estabelecimentos são localizados nos municípios de Medicilândia (12, entre travessão 75 Sul e 110 Norte), Brasil Novo (10, entre 17 Sul e 20 Norte) e Uruará (12, entre a faixa, o 16 Sul, o 175 Norte, o 185 Sul e o 213 Sul).

A seleção dos agricultores não pretende ser uma amostra representativa desses municípios, pelo número reduzido e pela falta de recenseamento geral dos estabelecimentos que poderiam servir de base ao sorteio aleatório de uma amostra representativa. Foi, entretanto, feito um esforço para ter uma amostra representativa da diversidade de situações e dos vários tipos de agricultores da região, tentando, em particular, trabalhar em um número reduzido de travessões representativos da região (escolhidos na base da pesquisa/zonamento preliminar por travessão), fazendo-se entrevistas com agricultores situados entre a faixa e o fundo, na hipótese de que isso era um dos fatores importantes de diversidade.

Com ajuda do Movimento pela Sobrevivência da Transamazônica (MPST) e das organizações locais, foram selecionados, dentro desse padrão, agricultores

A operação Diagnóstico e Desenho na Transamazônica na década de 1990:

uma estratégia para a estabilização da agricultura migratória e do manejo sustentável dos recursos naturais

com a maior variedade possível e também dispostos a cooperar na entrevista. Do nosso ponto de vista, é inútil multiplicar o número de entrevistas a partir da preocupação de representatividade estatística sem ter a confiança mínima que assegure uma certa validade das respostas dos produtores. A introdução com perguntas abertas no questionário, estabelecendo um diálogo livre com os produtores, foi também uma escolha metodológica que permitiu obter várias informações não previstas inicialmente.

Retrato da agricultura da região Oeste

Primeiro podemos analisar os valores médios: a metade dos entrevistados chegaram tipicamente entre 1971 e 1973 e receberam lotes de 100 ha do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), em áreas localizadas “na faixa” ou menos de 10 km da Transamazônica, em vicinais feitas pelo Incra; a outra metade é composta por agricultores que chegaram mais tarde (entre 1977 e 1992) e compraram lotes dos primeiros colonos (um quarto dos casos), ou ocuparam terras mais distantes da faixa e são posseiros, ou, mais comumente, compraram a posse do primeiro ocupante (grileiros). Essa imagem é um pouco mais complicada, na realidade, porque alguns colonos da primeira colonização compraram um outro lote mais tarde (normalmente mais perto da faixa), mudando também a sua residência para esse novo local.

A origem geográfica dos agricultores é bastante diversa, com 10 oriundos do Sul, 13 do Nordeste, 5 do Sudeste, 4 do Centro-Oeste e apenas 1 do Pará. Em média, eles começaram com a terra de 80 ha, com exceção de 3 produtores (glebistas) que receberam glebas de 500 ha do Incra, localizadas mais distantes da Transamazônica (a base dessa seleção não é bem clara, parece que ligações religiosas foram importantes no caso estudado).

Observa-se um fenômeno geral de concentração da terra, com a multiplicação por três da área média de terra no início (245 ha, mesmo excluindo os três glebistas). Existem casos de produtores que chegaram sem capital e sem terra, mas conseguiram reunir um pequeno capital como meeiros do cacau ou da pimenta-do-reino, comprando depois um lote próprio. O aumento do tamanho da terra é geralmente justificado pela preocupação com o assentamento de filhos dos colonos agricultores. No questionário, não foram considerados como parte do estabelecimento lotes já ocupados por filhos. Se esses fossem considerados, a concentração dentro da família seria evidente.

Essa acumulação de terra corresponde tanto a um processo de expansão da ocupação no fundo dos travessões (até 50 km em alguns, com média de 34 km em nossa amostra), como a um processo de concentração fundiária dentro da área de colonização mais antiga, havendo a venda de alguns lotes pelos primeiros colonos que abandonaram a agricultura, seja para voltar à região de origem, seja para abrir pequenas e médias empresas na cidade (vários comerciantes são colonos de origem), ou ainda se alojar na periferia desta.

Em média, as famílias têm sete pessoas que dependem da renda agrícola para sustentação vivendo no lote ou jovens estudando na cidade. Há frequentemente outros filhos que já se emanciparam da família. Em média, as famílias aparecem bem grandes (mais de quatro filhos por família), confirmando o forte crescimento demográfico observado por P. Hamelin em Uruará entre 1970 e 1985.

A força de trabalho é em média de três pessoas ativas (somando pessoas com dedicação integral ou parcial na agricultura). Trabalhar fora para outros agricultores ou fazendeiros, ou contratar empregados permanentes, não é muito comum, diferente da relação de "meia", que é bem evidente. Dez produtores têm meeiros permanentes no lote (11 famílias de meeiros no total), 7 para a cultura do cacau, 3 para a cultura da pimenta-do-reino e 1 para as duas culturas.

Normalmente, o meeiro recebe a metade do produto, apesar de que, em casos de safra muito ruim, outros podem ser concluídos. Os contratos de "meia" são muito variáveis. Na pimenta-do-reino, por exemplo, o meeiro só recebe um terço do produto quando o rendimento e os preços são bons.

Os meeiros têm uma rotatividade alta, as vezes só demandam 2 anos em uma certa propriedade e tentam depois comprar ou plantar em seu próprio lote. Foi observado um caso em que o dono da terra incentiva a vinda de famílias pobres do seu lugar de origem para trabalhar como meeiros na sua terra. Mesmo com os baixos preços do cacau e da pimenta-do-reino, parece que a parceria de meia, apesar de parecer muito a favor do dono da terra (que tem poucas obrigações, não usa insumos e deixa quase todo o trabalho para o meeiro), constitui oportunidade de ascensão social para quem não tem nada.

É difícil estimar a parte do trabalho agrícola realizada por meeiros, pois não foi estudado o número de trabalhadores dentro das famílias dos meeiros. Assumindo uma proporção semelhante à dos outros agricultores (3,5 ativos por família), o trabalho dos meeiros representaria cerca de 23% da força de trabalho agrícola nessa região. Porém, sabe-se que a tendência dos últimos anos aponta

A operação Diagnóstico e Desenho na Transamazônica na década de 1990:

uma estratégia para a estabilização da agricultura migratória e do manejo sustentável dos recursos naturais

para a redução do uso de força de trabalho exterior nas propriedades, em razão da queda dos preços do cacau e da pimenta-do-reino. Essa proporção era provavelmente mais alta no início dos anos 1980. A produção que os meeiros recebem em torno do trabalho representa, nas propriedades estudadas, 39% da produção de cacau e 14% da pimenta-do-reino regional.

Existem também contratos de “meia” para produção de grãos, principalmente arroz (sete casos). A quantidade que recebe o dono da terra varia entre 50% (caso das terras férteis, com mata primária) e 30%, dependendo também das relações pessoais com o meeiro. Em alguns casos, a terra é emprestada para um irmão ou um parente próximo. Nesses casos, os contratos são frequentemente feitos por agricultores vizinhos que têm a sua própria terra.

É comum para um posseiro que está no fundo do travessão, com terras relativamente férteis e uma boa reserva de floresta, fazer contratos com outros pequenos produtores da faixa (que têm terras de fertilidade inferior ou só têm uma chácara de área limitada) ou com trabalhadores sem-terra para derrubar e cultivar arroz “de meia”. Trata-se de um contrato vantajoso para os dois, porque permite ao posseiro aumentar sua renda no início da ocupação e muitas vezes implantar pastagens mais rapidamente (em alguns casos, podendo ser cacau também).

A renda monetária dos agricultores foi avaliada de forma simplificada, usando-se uma avaliação do preço das diversas culturas no campo, que foi também estudado dentro do questionário. Os processos podem ser maiores nas cidades, com larga diferença. A grande maioria dos agricultores não tem carros e depende dos atravessadores para a comercialização dos produtos. Esses preços de campo (Tabela 1) são mais adaptados.

Tabela 1. Estimativa dos preços médios para os produtos agropecuários no ano de 1993.

Produto	Preço médio (US\$)	Observação
Arroz	4,50	Saco com 60 kg
Feijão	8,00	Idem
Farinha	5,00	Idem
Cacau	0,52	Preço por quilo
Pimenta-do-reino	0,40	Idem
Café	0,20	Idem
Leite	0,40	Preço do litro vendido na cidade
Queijo	1,25	Preço por quilo
Galinha	2,00	Unidade
Porco	80,00	Em fase de abate

No caso do gado, a carne é vendida a US\$ 1,50 por quilo, em média, sendo feita uma estimativa de produtividade média do rebanho com base no trabalho realizado por O. Topall em Marabá (que é até hoje o único trabalho que conhecemos no qual a produtividade do gado foi medida durante um período superior a 1 ano nos estabelecimentos). O crescimento médio do rebanho de vacas, bois e novilhas foi estimado nesse trabalho a 40 kg de peso vivo por cabeça ao ano, equivalente de 20 kg de carne. Fez-se então uma estimativa aproximada da renda de US\$ 30,00 por cabeça de gado de corte. Essa produção de carne pode transformar-se em renda monetária (caso haja a venda do boi), em autoconsumo (raro, por falta de congelador nas propriedades) ou em investimento como forma de aumento de capital do produtor (aumento do rebanho, na maioria dos casos).

Não foi possível obter, no questionário, informações suficientemente precisas sobre a produtividade real do gado, já que em muitos casos os produtores estão numa fase de acumulação do gado e vendem o mínimo possível (existem outros casos em que os agricultores vendem todo o gado de uma vez para pagar dívidas, comprar terra ou fazer despesas excepcionais).

Essa acumulação foi iniciada por agricultores já capitalizados na base do cacau e de outras atividades, pela compra de animais, porém, em muitos casos, foi possibilitada pela obtenção de gado “na meia” de um fazendeiro, ou ainda, mais recentemente, pelo crédito do Fundo Constitucional do Norte (FNO). Atualmente, é o anseio de quase a totalidade dos produtores desenvolver a produção bovina, sendo encontrados vários produtores que já plantaram 1 a 3 alqueires de pasto, sem, no entanto, possuir capacidade financeira para fazer cercas ou sequer comprar bois. Em alguns casos, se o pasto é bom, o produtor pode obter arame para a cerca em troca de cessão do pasto a um fazendeiro vizinho.

Observou-se também casos de aluguel de pasto por dinheiro (em média, o equivalente a 2 kg de carne por cabeça ao mês). Todavia, a forma privilegiada de obtenção de gado próprio pelo produtor dá-se via recebimento de vacas “na meia” (o número de bezerros nascidos é dividido entre o dono e o meeiro) de outro agricultor ou fazendeiro. Essa relação supõe uma certa confiança entre o dono e o meeiro.

É possível então lançar a hipótese de que a rede de relações sociais exerce uma forte influência na capacidade dos produtores em iniciar uma produção bovina. Por sua vez, há casos de produtores que não conseguiram obter gado “na meia” ou alugar os seus pastos, resultando como consequência em uma

A operação Diagnóstico e Desenho na Transamazônica na década de 1990:

uma estratégia para a estabilização da agricultura migratória e do manejo sustentável dos recursos naturais

rápida degradação desses pastos, que facilmente tornam-se juquirá. Um fato agravante é que esses pastos não utilizados apresentam forte acumulação de matéria seca durante o verão, aumentando os riscos de fogos incontroláveis na região. De forma geral, a extensão dos pastos na região sugere a ocorrência de fogos incontrolados na região (como também a extração incontrolada nas florestas vizinhas). Foram observados muitos casos de plantações perdidas por causa de fogos, em particular no cacau. A perda econômica é grande na região e, em alguns lugares, outras culturas são inviabilizadas pela extensão dos pastos. Isto deveria ser objeto de preocupação da pesquisa e das organizações de produtores da região.

Produções principais e renda

A renda bruta dos produtores (incluindo as vendas totais e o autoconsumo) foi estimada em US\$ 5.368,00 ao ano. O autoconsumo representa 22% desse total, sendo composto por arroz, feijão e outros grãos (apenas 4% em razão do preço baixo), 7% provém do leite fresco, 7,5% da carne de porco e galinha e o restante (3,5%) do extrativismo e das hortas familiares.

As vendas representam 78%, ou seja, US\$ 4.184,00 ao ano. Dessa soma devem ser subtraídos os custeios para a produção (salários dos empregados e diaristas, insumos, etc.), que não foram estudados. Dificilmente esses custos podem ser maior que 20% desse total, considerando que os assalariados recebem em média US\$ 3,00 por dia ou US\$ 720,00 ao ano, poucos agricultores têm empregados permanentes e o uso de insumos é mínimo.

Com base nesse cálculo, a renda líquida é da ordem de US\$ 3.200,00 ao ano, aproximadamente 4 salários mínimos por família (com o autoconsumo, chegaria a US\$ 4.600,00 ou 6 salários mínimos). Considerando-se que o tamanho médio da mão de obra familiar mobilizada nos lotes é 3,5 pessoas, a renda média per capita assume um valor em torno de 1,7 salários mínimos.

A renda total é composta assim: 42% proveniente do gado (27% da produção de carne, 960 kg ao ano, 8% da venda de queijo e leite e 7% do consumo de leite pela família); 30% proveniente de cultivos perenes (17% do cacau, 12% da pimenta-do-reino, 1% do café); 11% das culturas anuais, em razão do baixo preço (4% da venda do arroz, 46 sacos ou 2,7 t, 2% da venda de farinha, 1% da venda de feijão e o resto de autoconsumo); 9% equivale ao consumo e à venda de pequenas criações (porco e galinha); 8% provém de outras vendas (fruta e madeira) ou do extrativismo (castanha-do-pará, açaí, pescado para o autoconsumo). As doenças do cacau (vassoura de bruxa) e da pimenta-do-

-reino (fusariose, muito forte nas regiões de cultivos mais antigos, como Brasil Novo) agravam a situação. É possível também que alguns produtores tenham desistido de colher o café em 1993 em razão do preço muito baixo.

A importância dos grãos, arroz em particular, na renda agrícola é inesperada. Nesse caso, parece bem claro que não são os responsáveis por essa situação, mas sim o preço muito baixo dos produtos no mercado local, gerando, por seu turno, baixos retornos para o trabalho investido nessas produções.

Essas conclusões devem ser relativizadas, primeiro em função da variabilidade dos preços do mercado local, segundo em função da variabilidade dos tipos de agricultores. Por exemplo, se a análise fosse baseada com preços um pouco melhor para os produtos das culturas perenes (US\$ 0,70 por quilo de café, US\$ 0,80 por quilo de pimenta-do-reino), estando mais próximos da média dos últimos anos, a renda total cresceria em 19% (até US\$ 6.400,00 ao ano), e a parte das culturas perenes passaria de 30% para 41%, enquanto a participação da bovinocultura diminuiria de 42% para 35%.

Por sua vez, assumindo uma melhor produtividade de carne de gado na região (60 kg ao ano de peso vivo e por cabeça), a renda da bovinocultura passaria a representar 49% da renda total, enquanto as produções perenes cairiam até 25%.

Faz-se necessário levar em consideração a extrema variabilidade nas rendas familiares, com um desvio médio de 92% e uma repartição desigual: a renda menor dentro da amostra é US\$ 565,00, enquanto a renda máxima chega a US\$ 21.000,00, traduzindo uma alta amplitude total. Os cinco agricultores (14% da nossa amostra) que ganham mais que US\$ 10.000,00 por ano têm 40% da renda acumulada, os cinco mais pobres (menos de US\$ 1.000,00 ao ano) só recebem 2% dessa renda total. Isto justifica a importância da tipologia para diferenciar vários tipos de produtores, tanto na base das produções como do capital ou das trajetórias familiares.

Esboço da tipologia dos agricultores

O primeiro fator de diferenciação evidente é a importância da pecuária. A correlação entre a renda total e o número de cabeças de gado é positiva e alta (0,8). Os produtores que têm mais de cem cabeças de gado possuem uma renda média de US\$ 13.500,00, enquanto os que possuem menos de cinco cabeças têm uma renda média de US\$ 2.000,00. As diferenças entre 5 e 30 e 30 e 100 cabeças não parecem muito significativas.

A operação Diagnóstico e Desenho na Transamazônica na década de 1990:

uma estratégia para a estabilização da agricultura migratória e do manejo sustentável dos recursos naturais

As correlações entre a renda total de 1993 e a área de cacau é baixa (0,32), e mais baixa ainda a correlação com a área de pimenta-do-reino (0,25). Verifica-se, entretanto, uma correlação média entre a área de cacau cultivada e a fertilidade das terras (0,5), sendo de média a alta o rendimento do cacau e a fertilidade (0,65). Contudo, a correlação entre a fertilidade do solo e a renda total é baixa (0,22), em razão do papel limitado do cacau na renda de 1993 e do papel complementar na renda da pimenta-do-reino, que dá bons resultados em solos mais fracos, até arenosos, e cuja produção aparece conseqüentemente como uma alternativa válida para os produtores com solos mais fracos.

Ressalte-se aqui que essas informações são oriundas de observações feitas numa época caracterizada por rendimentos e preços baixíssimos das culturas perenes, e que a análise forneceria resultados bem diferentes há 10 anos. Entretanto, não podemos discutir simplesmente que a acumulação de gado é o único fator de diferenciação. Para muitos produtores, o desenvolvimento da produção bovina é recente e foi iniciado como conseqüência da crise das culturas perenes depois de 1988. Agricultores que já tinham acumulado um certo capital da cultura do cacau ou da pimenta-do-reino conseguiram acumular terra e gado mais rapidamente que esses que não têm capital e tiveram que esperar para receber gado “na meia”.

Com base na estrutura da renda, foi possível chegar a uma primeira tipologia dos agricultores, que de forma geral nos parece bem associada com outros indicadores importantes, como a data da chegada, a fertilidade do solo, o crescimento da área possuída, etc. Trata-se apenas da primeira classificação dos agricultores, que precisará ser verificada e afinada no futuro. Entretanto, já constitui um importante ponto de partida para analisar a diversidade nos estabelecimentos agrícolas. As categorias observadas são descritas a seguir.

Tipo 1 – Recém-chegados

Na maioria são posseiros, com pouco gado, sem culturas perenes, vivendo principalmente da venda de arroz e outras culturas anuais, com alto nível de autoconsumo, aproveitando a fertilidade da mata primária. O acesso ao lote desses agricultores é ruim ou difícil e eles esperam que a vicinal (às vezes uma simples picada) seja consertada pela prefeitura para poderem comercializar suas produções. É provável que parte das contas da tesouraria, ou seja, operações que exigem rápida circulação de dinheiro, sejam supridas com a venda de pequenos animais como galinhas e porcos.

Apesar de esses agricultores praticamente não possuírem gado (média de 0,5 cabeças), a média de aproximadamente 7 ha (1,4 alqueires) de pastagens implantadas traduz o desejo de obter gado. No entanto, pode-se inferir que isso reflete uma tendência contraditória comandada pela fase de expansão da pecuária dentro da economia regional, pois verifica-se que esses agricultores conseguiram aumentar o capital inicial do patrimônio (uma vez que o crescimento médio do tamanho da área possuída é da ordem de 128,8%) sem possuírem gado, sugerindo, como hipótese, que mesmo os preços baixos das lavouras brancas possibilitaram uma certa acumulação. Evidentemente que outros aspectos, como por exemplo, esperar uma oportunidade para comprar uma terra melhor a um menor preço, devem ser levados em consideração.

Tipo 2 – Produtores de pimenta-do-reino

São produtores relativamente antigos, bem parecidos com o tipo 3, no início, mas as terras têm fertilidade mais baixa (fator médio 2,4 equivalente a fertilidade mediana). Em consequência, desenvolveram mais pimenta-do-reino, porém ficaram com áreas médias limitadas (1,6 ha por família), provavelmente em razão do trabalho necessário para produção e também do alto nível de investimento necessário à implantação do pimental (a questão da força de trabalho pode ser resolvida por intermédio de meeiros). Os rendimentos são razoáveis nessa categoria (US\$ 1.500,00 por hectare), mas com os preços baixos do produto, a pimenta-do-reino só contribui para 25% da renda atual, de US\$ 3.300,00 em média.

Esses produtores começaram a se diversificar, continuam com a criação de gado (eles têm hoje em média 10 cabeças de gado que contribuem com 11% da renda), no entanto, estão produzindo requeijão, construindo pomares (várias fruteiras) e vendendo madeira. Alguns produtores têm terras de fertilidade média e já produzem cacau, apesar de obterem ainda rendimentos baixos. É provável que eles tenham conseguido acumular um pouco na época dos altos preços da pimenta-do-reino e decidiram investir na diversificação, ao contrário do tipo 4.

Tipo 3 – Produtores de cacau predominantes

Eles têm mais de 10 ha de cacau. Geralmente são colonos mais antigos, que recebem terras mais férteis (Terra Roxa) e investiram muito no cacau. Eles frequentemente aceitam meeiros. Apesar da redução nos rendimentos do cacau, conseguem obter os melhores rendimentos da amostra (560 kg/ha) e, conseqüentemente, rendas boas (US\$ 7.000,00 ao ano), com mais da metade proveniente do cacau. Porém, estão investindo na compra de terras

A operação Diagnóstico e Desenho na Transamazônica na década de 1990:

uma estratégia para a estabilização da agricultura migratória e do manejo sustentável dos recursos naturais

(crescimento da área de mais de 230% na média) e de gado (possuem 14 cabeças em média), e vão provavelmente continuar nessa direção no futuro, de forma que vão se aproximar do tipo 5.

Tipo 4 – Descapitalizados

São parecidos com o tipo 2, produtores antigos, terras de baixa fertilidade, mas que não conseguiram se diversificar, nem tampouco manter a produtividade do pimental. Não se sabe qual foi o fator determinante nessa evolução. O fato é que a maioria desse grupo se encontra em Medicilândia e Brasil Novo, podendo inferir que a doença da pimenta-do-reino (fusariose) atacou essas áreas mais cedo que nos municípios onde a implantação dos pimentais foi mais recente (Uruará).

A renda média é muito baixa (US\$ 1.290,00), com três agricultores abaixo de US\$ 700 ao ano para 2,8 trabalhadores, representando apenas 54% do salário mínimo. Existe um caso em que o agricultor atinge uma renda de US\$ 3.035,00 ao ano desenvolvendo atividades extrativistas baseadas na coleta de castanha e açaí, combinando com a caça e atividades de pesca para o autoconsumo e pequenas criações. Nesse caso, seria interessante verificar se as pequenas criações representam uma alternativa satisfatória para esse tipo de agricultor com capital limitado e sem gado.

Tipo 5 – Produtores de cacau e gado

São bem parecidos com o tipo 3, produtores antigos, com área média de 13,5 ha de cacau, com meeiros e terras relativamente férteis. A grande diferença é que eles investiram mais na compra de terras (310% de crescimento, tendo hoje 405 ha em média) e gado (60 cabeças em média). A renda extra do gado só compensa uma produção de cacau mais baixa (360 kg/ha) e a sua renda total é a mesma que do tipo 3 (US\$ 6.900,00). Seria interessante analisar se eles investiram no gado por causa da baixa nos rendimentos ou o contrário, deixaram o cacau sem muito zelo porque investiram mais tempo de trabalho com o gado. Não existe diferença muito significativa na força de trabalho familiar (3,5 trabalhadores nesse tipo contra 4,3 no tipo 3).

Tipo 6 – Produtores com gado dominante

São quatro produtores nessa categoria, com terras de fertilidade variável e áreas relativamente limitadas (180 ha), mas que conseguem por meio dessa venda uma renda alta (US\$ 7.600), do mesmo nível que os produtores de

cacau. São agricultores situados na faixa ou em travessões sempre acessíveis, o que provavelmente é um fator muito importante para comercializar esses produtos. Aparecem um pouco como o resultado da evolução lógica dos produtores de pimenta-do-reino (tipo 2), que tentam desenvolver o seu gado, e talvez de produtores de cacau mais velhos sem sucessão no lote. Uma mão de obra alta (5,5 adultos por família) é provavelmente uma condição dessa evolução em direção da produção leiteira e de queijo.

Tipo 7 – Glebistas

Receberam 500 ha e não aumentaram muito a área de terra. Esses lotes são localizados longe da faixa, com acesso ruim no inverno. Eles investiram só no gado, têm hoje entre 150 e 450 cabeças de gado, e conseguem uma renda alta com a venda de carne e de queijo (US\$ 9.000 ao ano).

Trajетórias de evolução dos sistemas de produção com base na tipologia: hipóteses iniciais

Com base em informações sobre os componentes históricos e nas entrevistas com os produtores, foi possível lançar as primeiras hipóteses sobre a evolução (trajетórias agrícolas) das propriedades desde o início da colonização.

A história agrícola da região, após a chegada da rodovia, divide-se em três grandes fases, são elas: de 1972 a 1978, fase na qual predominava a produção de lavouras anuais; de 1978 a 1988, fase áurea da produção das lavouras perenes; e de 1988 até o momento atual, fase que marca a expansão pecuária. Na primeira fase, o crédito era fortemente subsidiado, os juros eram baixos, o governo lançava programas específicos como o Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agroindústria do Norte e do Nordeste (Proterra), via Banco do Brasil, e o Programa de Polos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia (Polamazônia), via Banco da Amazônia, além do apoio à comercialização fornecido pelo Incra.

Os recém-chegados (tipo 1) cultivavam predominantemente o arroz, os armazéns da Companhia Brasileira de Armazenamento (Cibrazem) ficavam superlotados e os técnicos locais apontavam a região como a maior produtora de arroz em todo o Norte do Brasil. Mesmo os glebistas (tipo 7) na fase inicial tinham como base da sua renda a cultura do arroz, reduzindo posteriormente o custo de implantação da pastagem.

A operação Diagnóstico e Desenho na Transamazônica na década de 1990:

uma estratégia para a estabilização da agricultura migratória e do manejo sustentável dos recursos naturais

Em 1976, começaram os incentivos para as culturas perenes e se instala na região o Programa de Desenvolvimento da Cadeia Produtiva da Cacaicultura (Procacau). A partir dessa fase, os sistemas de produção encaram uma diversificação direcionada, seja com o cultivo da pimenta-do-reino, seja com o cacau ou com o café. Esse período intermediário entre a primeira e a segunda fase assume grande importância, por ter sido determinante na trajetória de evolução dos estabelecimentos agrícolas. Uma hipótese (a ser verificada) é que houve, nessa fase intermediária, uma correlação alta entre a fertilidade da terra e a acumulação, com a cultura do cacau, principalmente. Para os colonos oficiais, o capital inicial não era tão importante, porque eles conseguiram financiamentos por meio da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac).

Tem-se então que a passagem do tipo 1 (recém-chegados) para os tipos 2 (produtores de pimenta-do-reino) e 3 (produtores de cacau) foi determinada em grande parte pela fertilidade do solo, ou seja, nos lotes com solos mais férteis, como Terra Roxa e Podzólicos, os agricultores evoluíram para o tipo 3, enquanto em solos mais fracos, como os Latossolos e Areia Quartzosa, os agricultores puderam chegar ao tipo 2. Por um período de aproximadamente 10 anos, essa estrutura de sistema de produção diversificado com economia (renda e investimento) fortemente baseada no cacau e na pimenta-do-reino prevaleceu na região. Admite-se que, mesmos os glebistas, que investiam mais no gado, passaram por essa fase, combinando pimenta-do-reino com cacau (bem provável que tenha sido com meeiros) e, posteriormente, investiram na pecuária.

Em 1986, o cacau e a pimenta-do-reino atingem o pico de preços no mercado, induzindo vários produtores a investir ainda mais nesses cultivos. Porém, nesse período, surgem também os problemas fitossanitários, causando sérias consequências para os cacauais e pimentais implantados com idades de 8 e 10 anos. O ano seguinte marca o início da queda nos preços e das fortes flutuações no mercado, ao mesmo tempo em que a fusariose e a vassoura de bruxa se disseminam na região. Em 1988, a resolução do Conselho de Comércio Exterior (Concex) praticamente inviabiliza a produção do cacau na região, proibindo a entrada de cacau tipo II e refugio no mercado internacional. Com preços baixos, rendimentos decadentes, doenças, ausência de crédito – no caso do cacau, a retirada do Fundo Suplementar de Expansão da Cacaicultura (Fusec) –, esfacelamento dos órgãos públicos, etc., o cenário muda novamente de configuração, dando-se início à fase de expansão da pecuária.

Nos últimos seis anos de 1980, houve uma certa aceleração no processo de evolução dos estabelecimentos, assim, a definição do comportamento e funcionamento destes baseados em cacau ou pimenta-do-reino, ou lavouras brancas, aliados à tendência geral da exploração do gado, reforçada pela política do Fundo Constitucional do Norte (FNO) normal e especial para pecuária.

Verifica-se nessa terceira fase que os estabelecimentos do tipo 2 seguiram provavelmente três tipos de trajetórias. A primeira hipótese é que este tipo se manteve com a mesma estrutura, baseada na pimenta-do-reino, mas com uma renda menor, e somente agora os produtores estão partindo para a pecuária, já possuindo 9 cabeças e 23 ha de pasto em média (Tabela 2). A segunda é que alguns agricultores nesse tipo investiram somente na pimenta-do-reino, tiveram sérios problemas com a fusariose, possuem cultivos vermelhos que sofreram com a entrada do fogo incontrolado e não conseguiram acumular capital (os motivos não são claros), formando hoje o tipo 4, os descapitalizados. A terceira possibilidade é que vários agricultores conseguiram acumular com a pimenta-do-reino e começaram a investir a mais tempo no gado, chegando a formar o tipo 6 (gado dominante), mantendo um certo nível de produção da pimenta-do-reino (média de 2.280 kg – Tabela 2). Esses últimos agricultores podem ainda evoluir para o tipo 7 (glebistas), a partir da compra de mais terras.

Já o tipo 3 apresenta duas trajetórias. A primeira é se manter no mesmo tipo, com base na agricultura do cacau, porém com nível de renda inferior em relação aos anos 1980. A segunda é que vários agricultores conseguiram acumular com o cacau e partiram também para o investimento em gado, chegando ao tipo 5, que é bem presente na região. Parte desses agricultores que chegaram ao tipo 5 passaram a fazer um maior investimento de dinheiro e trabalho com o gado e hoje compõem o tipo 6, podendo ainda evoluir para o tipo 7 pela compra de mais terra, caso este que já pode ser encontrado.

Também podem ser encontrados os chegados mais recentemente (tipo 1), situados longe da faixa da rodovia e que já tiveram outras condições, com o capital inicial tendo maior importância. A data de chegada e de implantação das culturas perenes teve provavelmente uma grande importância, considerando as variações de preço e de produtividades ligadas às fitopatologias.

Encontram-se também os glebistas, que não aumentaram muito sua área de terra, porém aumentaram significativamente sua renda com a criação de gado, praticamente abandonando outras atividades ligadas à produção

A operação Diagnóstico e Desenho na Transamazônica na década de 1990:

uma estratégia para a estabilização da agricultura migratória e do manejo sustentável dos recursos naturais

Tabela 2. Valores médios por tipo, em 1993.

Tipo	Renda (US\$)	Gado	Anos no lote	Área de pasto (ha)	Área atual (ha)	Número de adultos	Distância da faixa (km)	Arroz vendido (kg)	Cacau vendido (kg)	Produção de pimenta-do-reino (kg)
1	2.105,00	0,5	4,3	7,00	152,5	3,8	31,8	71,3	0	1.075
2	3.138,16	8,9	13,4	23,20	267,8	3,2	14,4	20,7	253	1.868
3	7.990,42	13,8	14,8	36,65	238,5	3,8	18,4	65,0	9.050	1.558,30
4	1.218,88	1,3	12,8	5,25	125,0	2,8	18,0	37,0	0	112,5
5	6.962,25	60,8	14,3	38,15	405,0	3,5	5,5	85,5	3.437,5	3.000
6	7.562,63	96,3	16,5	67,50	183,3	5,5	5,8	32,5	800	2.280
7	14.589,33	300,0	11,0	196,65	566,7	2,3	29,7	46,7	25	50

Tabela 3. Estimativa de rendimento e da produtividade do trabalho agrícola na Transamazônica.

Produto	Rendimento por hectare	Preço (R\$)	Valor da produção por hectare (R\$)	Depreciação (R\$)	Jornada de trabalho	Valor do dia de trabalho (R\$)	Observação (problemas)
Arroz	1.800 kg (30 sacos)	4,50 a 9,00 por sacco	135,00 a 270,00	-	40 a 90 dias	1,50 a 6,70	Preços baixos
Farinha	90 sacos	5,00 a 8,00 por sacco	450,00 a 540,00	25,00 por ano da casa de farinha	110 a 190 dias por hectare	2,10 a 4,40	Baixa produtividade na transformação
Pimenta-do-reino (média)	1.300 kg	0,40 a 0,66 por quilo	520,00 a 858,00	120,00	55 dias	7,20 a 13,40	Fusariose
Pimenta-do-reino (boa)	3.100 kg	0,60	1.860,00	120,00	133 dias	13,10	Fusariose
Cacau (médio)	320 kg	0,52 a 0,70 por quilo	166,00 a 224,00	40,00	15 a 20 dias	6,30	Vassoura de bruxa e preço x qualidade
Cacau (bom)	650 kg	0,70 por quilo	455,00	40,00	45 dias	9,20	Vassoura de bruxa, preço x qualidade
Gado de corte	20 kg/ha	1,50 por quilo	30,00 a 75,00	10,00	5 a 9 dias	4,00 a 7,20	Degradação de pastos
Cupuaçu	2.500 kg a 5.000 kg	0,30 por quilo	750,00 a 1.500,00	40,00	45 a 120 dias	6,20 a 33,30	Transporte e transformação

agrícola e se dedicando em muitos casos a atividades ligadas ao comércio. Hoje, a maior parte da renda global proveniente da agropecuária, em termos relativos, está nas mãos dos glebistas, vindo em seguida os pequenos produtores de gado, com rebanho próximo a cem cabeças, os produtores de cacau e gado e os produtores de cacau. Existe uma alta correlação entre o gado e a renda, de modo que, à medida que o rebanho evolui, essa renda cresce, porém, o gado somente não é um fator determinante na composição da renda, pois pode-se inferir que as diferenças na renda entre os tipos 3, 5 e 6 são muito significativas, embora exista forte diferença na composição do rebanho bovino, em relação à renda de outras atividades (Tabela 3).

Notadamente, todas as considerações apresentadas neste capítulo constituem incursões que podem servir de base para alimentar as discussões e a pesquisa no futuro, pois, sabe-se que o dinamismo social e econômico imposto na região, aliado à diversidade do meio natural, condicionam em muitos casos as trajetórias de evolução das propriedades, num quadro onde há vantagens e restrições, o que dificulta em parte a modelização mais próxima da realidade.

Problemas técnicos

Muitos dos problemas apontados pelos agricultores durante as entrevistas estão ligados a questões fitossanitárias: no caso da cultura do cacau, a vassoura de bruxa assume a maior importância, seguida da podridão-parda, porém, em muitos casos, os agricultores argumentam que a sanidade do cacau está ligada ao zelo do plantio, ou seja, à aplicação de podas regulares. Desse modo, pode ser lançada a hipótese que, caso essa cultura tivesse com bom preço no mercado, propiciando uma remuneração razoável do trabalho, a vassoura de bruxa talvez não fosse um fator tão agravante.

No caso da pimenta-do-reino, a fusariose e a broca são problemas sérios, requerendo maiores cuidados desde a fase de implantação do pimental. Parece que pimentais recentes, implantados em áreas que introduziram a cultura mais cedo sofrem mais com a doença. Isto sugere a utilização de áreas de escape, talvez acompanhado de um problema sério de distribuição de mudas sadias, notadamente a partir de uma avaliação com os agricultores sobre a importância dessa cultura para a região.

Das lavouras brancas, o feijão é o que mais sofre com problemas fitossanitários. Vários agricultores perdem roças inteiras devido à mela (doença fúngica) ou à

A operação Diagnóstico e Desenho na Transamazônica na década de 1990:

uma estratégia para a estabilização da agricultura migratória e do manejo sustentável dos recursos naturais

lesma. Por sua vez, alguns agricultores optam por manejo diferenciado dessa cultura, como é o caso do cultivo abafado, ou ainda utilizam o feijão-catador (trepa-pau) como alternativa, por este ser mais tolerante à mela. A ocorrência dessa doença está diretamente ligada ao clima, transformando o cultivo do feijão em atividade de alto risco.

A ocorrência da cigarrinha-das-pastagens foi bem enfatizada pelos agricultores, com ataques principalmente a pastos de quicuío-da-amazônia. Algumas plantações de arroz próximas das áreas de pastagens foram atacadas pela cigarrinha. Convém atentar para o fato de que todos os agricultores, indiscriminadamente, optaram pelo cultivo do capim-brachiarão, plantando extensas áreas, o que pode ser problemático no futuro, dada a quebra da tolerância à cigarrinha facilitada pelo monocultivo.

Além desse provável desequilíbrio, vários agricultores vivenciam o problema de fogo incontrolado, principalmente nos ciclos posteriores a fortes períodos de estiagem, existindo casos de muitas lavouras de cacau e pimenta-do-reino queimadas ocasionalmente. Outros problemas, como a degradação das pastagens, manutenção da fertilidade do solo, perdas no armazenamento, não foram possíveis de ser identificados claramente por meio do questionário.

